



UFRJ

32ª SEMANA DE
ESTUDOS
CLÁSSICOS

Caderno de Resumos

Antiguidade Clássica e Contemporaneidade:
UM DIÁLOGO PERMANENTE

05, 06, 07 novembro 2013



REALIZAÇÃO:
Departamento de Letras Clássicas
Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas

APOIO:
Pr3, Faculdade de Letras

CADERNO DE RESUMOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Carlos Antônio Levi da Conceição

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Eleonora Ziller Camenietzki

DECANIA

Decana: Flora De Paoli Faria

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS

Chefe: Katia Teonia Costa de Azevedo

Subchefe: Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

Coordenadora: Tania Martins Santos

Vice-coordenador: Ricardo de Souza Nogueira

COMISSÃO ORGANIZADORA

Tania Martins Santos – Presidente

Ana Thereza Basilio Vieira

Arlete José Mota

Eduardo Murtinho Braga Boechat

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Fernanda Messeder Moura

Guilherme Guerreiro Brito Losso

João Soares de Lima

Katia Teonia Costa de Azevedo

Luiz Karol

Marcelo Coutinho de Oliveira

Marinete José de Oliveira de Santana Ribeiro

Pedro da Silva Barbosa

Renan Moreira Junqueira

Ricardo de Souza Nogueira

Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha

Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alice da Silva Cunha
Amós Coêlho da Silva
Fabio de Souza Lessa
Flora de Paoli Faria
Marlene Soares dos Santos
Pedro Paulo Abreu Funari

SECRETÁRIA

Roseane Barroso Franco

REALIZAÇÃO

Departamento de Letras Clássicas – UFRJ
Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas (PPGLC) – UFRJ

APOIO

FACULDADE DE LETRAS – UFRJ
PR3 – UFRJ

ISBN: 978-85-8101-013-7

SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS

Ana Teresa Marques Gonçalves
Jacyntho Lins Brandão
Paulo Martins

MINICURSO

Auto Lyra Teixeira
Fernanda Messeder Moura

MESAS-REDONDAS

Alexandre Santos de Moraes
Carla Francalanci
Francisco de Moraes
Izabela Bocayuva
Maria Inês Senra Anachoreta
Regina Maria da Cunha Bustamante
Vanessa Ferreira de Sá Codeço

COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Aline Billé Santos
Amós Coêlho da Silva
Auto Lyra Teixeira
Bianca Bartira Genildo da Silva
Douglas Gonçalves de Souza
Hiram Alem
Jane Peixoto Siqueira
Karla Chagas Vidal
Lilian Fernandes de Souza
Lucas Carvalhal Sirieiro
Luciana Mourão Maio
Luiz Fernando Dias Pita
Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras
Márcia Regina de Faria da Silva
Thiago da Silva Pinheiro
Vanessa Lanes Meirelles

COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

Alexandre dos Santos Rosa
Aline Chagas dos Santos
Ana Thereza Basilio Vieira
Arlete José Mota
Bárbara de Oliveira Wilbert lung
Beatriz Juliana Francisco
Bruna Moraes da Silva
Bruno Salviano Gripp
Carolina Mesquita da Costa
Caroline Caetano de Freitas
Cinthya Sousa Machado
Danilo Oliveira Nascimento Julião
Dulcileide Virginio do Nascimento
Eduardo Murtinho Braga Boechat
Elis Crokidakis Castro
Elisa Costa Brandão de Carvalho
Emerson Rocha de Almeida
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Fernanda Lemos de Lima
Greice Ferreira Drumond
José Mario Botelho
Josias Acencio
Leonardo Ferreira Kaltner
Lis Yana de Lima Martinez
Luana Cruz da Silva
Lucas Matheus Caminiti Amaya
Luciana Antonia Ferreira Marinho
Luciana Ferreira da Silva
Luiza Andrade Wiggers
Marcelo Coutinho de Oliveira
Marco Antônio Lima da Silva
Marcus Vinicius Caetano de Freitas
Mateus Bottaro de Souza
Nelson Marques
Patrick Gert Bange
Pedro Baroni Schmidt
Pedro Paulo Alves dos Santos
Renata Cardoso de Sousa
Ricardo de Souza Nogueira
Roberto da França Neves
Sandra Vasquez
Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk

Tâmara Kovacs Rocha
Tayná Sanches Pereira Costa
Thais Moreira Batista
Vanessa de Souza Peres
Vivian de Azevedo Garcia Salema

CONFERÊNCIAS

POLIENO E AS MULHERES: PRESENÇA FEMININA NOS MANUAIS MILITARES ROMANOS

Ana Teresa Marques Gonçalves (Doutora – UFG)

Polieno produziu sua obra, intitulada *Estratagemas* ou *Estratégicas*, no séc. II d.C., dedicando seu manual militar ao auxílio das contendas empreendidas pelos imperadores romanos Marco Aurélio e Lúcio Vero, quando de seu governo colegiado. Ao contrário de grande parte de outros manuais militares, como os construídos por Frontino, Eneias, o Tático, Onassandro e Vegécio, Polieno reservou partes de sua narrativa para os estratagemas bélicos engendrados e postos em prática por mulheres. Esta participação feminina exemplar na arte da guerra na Antiguidade Latina merece destaque e uma análise mais meticulosa. Mais do que um espaço para a aplicação de conceitos vindos da História de Gênero, a obra de Polieno nos permite realizar uma reflexão acerca dos papéis femininos e masculinos como exercidos em momentos de atividades bélicas formuladas no mundo antigo.

OS CLÁSSICOS E NÓS

Jacyntho Lins Brandão (Doutor – UFMG)

O trabalho reflete sobre as relações possíveis entre o “clássico” e o “contemporâneo”, examinando os sentidos de “clássico”, desde sua primeira formulação na obra de Aulo Gélío, para concluir que o que torna algo (em especial um texto) clássico é a usura do tempo.

ARTE ROMANA: TRÊS OLHARES CONTEMPORÂNEOS

Paulo Martins (Doutor – USP)

Este trabalho tem a finalidade de propor uma reflexão inicial sobre a cultura imagética romana e sua veiculação na sociedade romana (52 a.C. – 132 d.C.) e, na nossa, tendo em vista sua constante exploração e fruição em museus e em exposições. Assim, nosso trabalho observa como a cultura material da Antiguidade Romana tanto nos últimos 50 anos da República, como nos primeiros 130 anos do Principado, pode ser lido e fruído de forma diversa hoje em dia. Tal reflexão na

verdade está ligada a uma questão que nos parece central e seminal: há uma cultura imperial? Isto é, em que medida podemos dizer que existe uma única cultura imperial que atenda ao conjunto de diversidades impostas não só pelo recorte temporal que está contido na ideia de imperial, como também pela diversidade das populações que se subordinam ao centro do poder de Roma no decorrer dos anos? A segunda questão que se impõe hoje é se conseguimos dar conta das significações à época de sua produção, ou simplesmente operamos de maneira sistêmica outras traduções possíveis a essas imagens com nossos olhos contemporâneos.

MINICURSO

LITERATURA GREGA: ORALIDADE E ESCRITA

Auto Lyra Teixeira (Doutor – UFRJ)

Abordando excertos de Homero, de Safo, de Platão, de Sófocles e de Calímaco, o curso chama atenção para características de oralidade marcantes na literatura grega.

LITERATURA IMPERIAL: O ÉDIPO DE SÊNECA

Fernanda Messeder Moura (Doutora – UFRJ)

O minicurso oferece a todos os interessados na figura edipiana uma introdução ao *Édipo* de Sêneca e, por essa via, uma introdução à tragédia latina e a algumas das particularidades que fazem da coloração trágica senequiana marca indelével na literatura ocidental que lhe é posterior.

MESAS-REDONDAS

MESA-REDONDA I:

O QUE AS ANTIGAS MUSAS DIZEM AOS HISTORIADORES CONTEMPORÂNEOS?

Regina Bustamante (Doutora – UFRJ) – coordenação

A MUSA DE HOMERO, SEU CANTO E O TEMA DA EXPERIÊNCIA: VARIAÇÕES DE UMA QUESTÃO NAS VARIANTES DA HISTÓRIA

Alexandre Santos de Moraes (Doutor – UFF / UFRJ)

O fato de Homero ainda provocar nossa estética literária denuncia que, de certa maneira, o canto das musas irrompeu os círculos aristocráticos aos quais a narrativa era originalmente destinada. Nós, contemporâneos, ainda somos seus ouvintes. No entanto, essa audiência moderna coloca em xeque os regimes de historicidade que, simultaneamente, nos aproximam e nos distanciam dos gregos antigos. Nossa comunicação dialoga com essa aproximação e distanciamento a partir do tema da experiência.

VIRGÍLIO E MELPOMENE: “QUE NVMEN FOI OFENDIDO?”

Regina Maria da Cunha Bustamante (Doutora – UFRJ)

Um dos mosaicos mais emblemáticos da África romana é o de “Virgílio e as Musas”, que é o carro-chefe do Museu do Bardo na Tunísia. Este mosaico decorava uma residência particular da antiga cidade de Hadrumetum (atual Sousse, na Tunísia) na província romana da África proconsular. Tradicionalmente, este mosaico é lido como uma reafirmação do predomínio da cultura latina. Distintamente deste viés, propomos uma nova leitura cuja chave interpretativa é a vistosa Melpomene. Para tanto, aplicaremos a dinâmica de signo proposta por Pierce, objetivando compreender o modo de produção de sentidos da imagem, ou seja, como este discurso imagético provoca significações, interpretações.

ENTRE MELPOMENE E TÁLIA: O QUE O TEATRO ANTIGO TEM PARA NOS DIZER NA CONTEMPORANEIDADE?

Vanessa Ferreira de Sá Codeço (Doutoranda – UFRJ)

O teatro antigo grego ainda desperta grande admiração. Seja de um leitor leigo ou de um especialista, as encenações, trágicas ou cômicas, guardam grandes lições e são capazes de surpreender seja pelos temas ou pela atualidade que parecem guardar determinadas questões de interesse para nós, na Contemporaneidade. Nossa comunicação terá como

objetivo estudar esse envolvimento que ele é capaz de suscitar.

MESA-REDONDA II:

FILOSOFIA ANTIGA E CONTEMPORANEIDADE: QUATRO ABORDAGENS

Izabela Bocayuva (Doutora – UERJ) – coordenação

O LEGADO DA RELAÇÃO ENTRE *LÓGOS* E *PÓLIS*

Carla Francalanci (Doutora – UFRJ)

O objetivo deste trabalho é interpretar como Aristóteles compreende o liame entre *lógos* e *pólis*, e como essa relação pode ser pensada como um legado, assumido, ainda que de modos diferentes, pelo entrelaçamento entre linguagem e política em Arendt e Agamben.

NIETZSCHE LEITOR DE TUCÍDIDES: A ORAÇÃO FÚNEBRE DE PÉRICLES E A CONFIGURAÇÃO DO HOMEM PARA ALÉM DE BEM E MAL

Francisco de Moraes (Doutor – UFRJ)

Uma das descobertas mais decisivas e desconcertantes feitas por Nietzsche em sua *Genealogia da moral* foi a de que havia, entre os gregos do período clássico, em especial em sua nobreza, certa autocompreensão radicalmente estranha e inassimilável ao que costumamos identificar como uma conduta louvável e virtuosa. Mais ainda, precisamente aquilo que estimaríamos, de um ponto de vista cristão e “democrático”, como sendo um comportamento puramente nefasto e “imoral” era representado, por essa nobreza grega e ateniense, como o aspecto decisivo de sua distinção, a saber: a ousadia e a capacidade de fazer o mal. É em Péricles e em sua famosa oração fúnebre, “recuperada” ou recriada por Tucídides na *História da Guerra do Peloponeso*, que Nietzsche se baseará para não somente denunciar a moral cristã como uma espécie de moral do ressentimento, fruto da revolta, que terminou vitoriosa, dos fracos e impotentes, mas também para criar um novo ideal de homem. Queremos em nossa apresentação colocar em jogo os conceitos de moral

nobre (“*páthos* da distância”) e moral escrava, formulados por Nietzsche na *Genealogia da moral*, procurando discutir o sentido da ousadia (*tlemosúne*) ateniense tão enaltecida por Péricles em sua oração fúnebre. Nossa hipótese fundamental é a de que a leitura nietzscheana desse texto de Tucídides, independentemente de seus possíveis exageros e incorreções, representa um acontecimento singular capaz de refazer a nossa compreensão do espírito grego em geral e, ao mesmo tempo, abrir caminho para que se possa, novamente, nutrir esperanças em relação ao homem e a seu porvir.

A CONTEMPORANEIDADE DE HERÁCLITO

Izabela Bocayuva (Doutora – UERJ)

A partir da análise de alguns fragmentos de Heráclito tais como o fragmento 50, 1, 2 etc., vou mostrar que a perspectiva da existência do homem contemporâneo pode se ver abalada em seu apeço e apego aos entes. Um tal abalo, veremos, tem um caráter altamente positivo.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A CRÍTICA DE SIMONDON AO PENSAMENTO DE ARISTÓTELES

Maria Inês Senra Anachoreta (Doutora – UERJ)

Podemos identificar, dentre os diversos problemas filosóficos que foram tratados criticamente por Gilbert Simondon, o da tradição aristotélica e as consequências de seu compromisso com as noções de Substância e Forma no entendimento dos seres individuados. Em distinção a essa concepção, Simondon propõe uma revisão crítica da noção de Individuação e desenvolve seu próprio conceito. Consideramos de interesse para a compreensão do papel desse pensamento o reconhecimento da importância dessa crítica e das diferenças estabelecidas através dela.

COMUNICAÇÕES COORDENADAS

O PAPEL DO TEATRO NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO: UM PARALELO ENTRE O TEATRO ROMANO E O TEATRO CONTEMPORÂNEO

Aline Billé Santos e Karla Chagas Vidal (Graduandas – UFF)

Orientador: Beethoven Alvarez (Mestre – UFF)

Na Antiguidade Clássica, o teatro era um evento muito apreciado pelos cidadãos, plenamente inserido no cotidiano na urbe. Um evento, que era mais do que puro entretenimento, possuía um caráter didático, desempenhando um importante papel na formação do cidadão romano. Embora tenha se diversificado imensamente, o teatro hoje ainda resguarda muito de sua origem clássica. Neste trabalho buscamos, através da comparação, analisar os pontos de intersecção entre o teatro antigo e o contemporâneo no que tange à educação para a cidadania no passado e na atualidade.

A RECEPÇÃO DA SÁTIRA

Amós Coêlho da Silva (Doutor – UERJ)

A sátira introduz o diálogo entre o narrador e o leitor, seja a interrogação de Horácio “*Quid rides?*”, “Do que ris?” (*Sat.* I, 1, 69), seja a advertência de Marcial: “*Hoc lege quod possit dicere uita ‘meus est’*”, “Leia o que a vida possa dizer ‘é meu’” (x, 4, 8). Assim, este dialogismo retira a voz da representação dramática daquela distância que narrativas de terceira pessoa promovem, e se processa a mímese com plena interação da alteridade, como um espelho paradoxal diante de seu espectador.

CONVERSAÇÃO E TEXTOS CLÁSSICOS: DA PÓS-GRADUAÇÃO AO ENSINO BÁSICO

Auto Lyra Teixeira (Doutor – UFRJ)

A aplicação de alguns conceitos da análise da conversação no estudo de textos clássicos tem se mostrado um valioso instrumento, na Graduação, na Prática de Ensino e na Pós-graduação (*lato sensu* e *stricto sensu*), destacando-se, particularmente, a Especialização em Literatura Infantil e Juvenil. Assim sendo, discorreremos sobre alguns resultados do nosso trabalho na universidade, contribuindo para o diálogo entre Antiguidade Clássica e Contemporaneidade.

PROCESSAMENTO LINGUÍSTICO NO ENSINO DE LÍNGUA LATINA

Bianca Bartira Genildo da Silva (Mestre – Faculdade
Cenecista de Itaboraí)

O presente trabalho visa analisar as dificuldades apresentadas por alguns alunos relacionadas ao processamento da frase latina. A ausência de uma ordem sintática pré-estabelecida provoca nesses um estranhamento e uma barreira que, por vezes, comprometem o processo de ensino-aprendizagem da língua latina. O aluno entende a função dos casos, mas não consegue aplicar esse conhecimento quando se depara com uma frase. O mesmo, por ter internalizado uma ordem canônica durante a aquisição de sua língua materna, demonstra uma grande dificuldade em processar uma frase sem uma ordem sintática definida, mas sim baseada no sistema de casos. Apesar desse sistema de casos ser lógico, o mesmo torna-se ilógico ante a ordenação sintática da língua portuguesa.

A TOGATA E O POETA TITINIUS: UM ESTUDO ACERCA DA COMÉDIA ROMANA

Douglas Gonçalves de Souza (Mestrando – UFF / UFRJ)

Diferentemente da comédia *palliata*, muito associada ao modelo grego, a comédia *togata* pretende fornecer uma imagem mais fiel da sociedade da Roma republicana. Embora os textos não tenham sido preservados na íntegra, é possível reconhecer, com base nos fragmentos e nos títulos, o repertório, a estrutura, os personagens e os procedimentos cômicos desse tipo de comédia. O presente estudo, portanto, objetiva explicitar algumas particularidades do referido gênero, bem como apresentar uma análise dos fragmentos da comédia *Barbatus* (DAVIAULT, 2002) do comediógrafo Titinius.

ANTIGUIDADE CLÁSSICA E ARQUEARIA NO HUMANISMO DE ROGER ASCHAM

Hiram Alem (Graduando – UFRJ)

O humanista Roger Ascham, erudito inglês do séc. XVI, passou boa parte de sua vida procurando um patrono. Este veio a encontrar apoio no rei Henrique VIII, ávido amante da arquearia, com a publicação de seu *Toxophilus*, isto é, “amante dos arcos”. Após apresentá-lo ao rei, quando este voltava de uma campanha bem-sucedida em território

francês, Ascham é agraciado com uma pensão anual de £10. Posteriormente, o humanista será indicado para ser o tutor de grego das rainhas Maria I e Elizabeth I, assim como a posição de secretário para ambas. A obra de Ascham, longe de ser apenas um presente direcionado ao rei, está inserida em um contexto de debate acerca da prática da arquearia, que supostamente se encontra em declínio. Assim, em seu *Toxophilus*, o autor defende apaixonadamente a prática do tiro com arco, bem como legitimando-a através de figuras mitológicas, literárias e históricas da Antiguidade Clássica, indo dos feitos de Apolo até a batalha de Carras (53 a.C.).

A ODISSEIA NO MAR DE MONSTROS

Jane Peixoto Siqueira (Especialista em Literatura Infantil – UFRJ)

A comunicação apresenta um pouco das nossas atividades no ensino básico, onde a leitura de boas adaptações dos clássicos da literatura grega pode despertar nos alunos o interesse por essas histórias de sempre. Com a famosa série *Percy Jackson e os olímpianos*, Rick Riordan tece a sua tapeçaria com as histórias da mitologia, destinadas ao público infantil e juvenil. Percy é filho de Poseidon com uma mortal, mas ele só descobre a sua verdadeira história aos doze anos. Até então, ele levava uma vida “normal” com a mãe, em Manhattan. Na escola, Percy é alvo de *bullying*, por ser disléxico, e só depois ele fica sabendo que todos os semideuses possuem alguma característica que os diferencia dos mortais. Ainda na escola, Percy conhece Grover, um sátiro disfarçado de humano, encarregado de encontrar semideuses e levá-los para o Acampamento Meio-Sangue. Aí, Percy conhece Annabeth, filha da deusa Atena com um mortal, e outras personagens inspiradas nas histórias da mitologia grega. Em *Mar de Monstros*, o segundo livro da série, aparece uma nova personagem: Tyson, um menino de rua desajeitado e discriminado pela sociedade. Tyson também não conhece a sua história, que só será revelada no Acampamento. Ele é um ciclope, também filho de Poseidon e, portanto, meio-irmão de Percy. Percy, Tyson e Annabeth chegam ao Acampamento no meio de um ataque dos touros da Cólquida criados por Hefesto. Eles conseguem vencer esses touros, que expelem fogo, com a ajuda de Clarisse, filha do deus Ares. Ficam sabendo então que os touros só conseguiram chegar ali porque a árvore de Thalia está

morrendo. Semideusa, filha de Zeus, Thalia foi metamorfoseada em árvore para que não se cumprisse a profecia de que um filho meio-sangue de um dos três poderosos deuses – Zeus, Poseidon e Hades –, quando fizesse dezesseis anos, iria decidir o destino do Olimpo. Temendo que Thalia fosse a criança mencionada na profecia, Zeus a transformou numa árvore sagrada, mas, de alguma forma, conseguiram envenená-la. Para salvá-la, os semideuses têm de encontrar e trazer com eles o famoso velocino de ouro. Percy, Annabeth, Tyson e Clarisse embarcam então em mais uma odisseia...

A CRIANÇA E O UNIVERSO MARAVILHOSO DA ODISSEIA: UM CLÁSSICO DA LITERATURA INFANTIL

Lilian Fernandes de Souza (Graduanda – UERJ)

A comunicação chama, mais uma vez, a atenção para o papel imprescindível da escola na apresentação de alguns dos clássicos da literatura universal, levando em consideração a experiência compartilhada da existência a nos aproximar homens e mulheres de todos os tempos e lugares malgrado as diferenças que nos fazem tão diversos. Com esse objetivo, optamos por *Ruth Rocha conta a Odisseia*, adaptação baseada na *Odisseia* de Homero. O presente trabalho convida assim a um despertar para o desconhecido, para o inesperado, para a aventura do saber. A apresentação de um clássico não deixa de ser um convite ao risco de arriscar nas histórias. Nesse sentido, a *Odisseia* de Homero é o próprio significado da vida, protagonizando a personagem Odisseu como aquele que persiste no sonho de retornar a Ítaca e aos seus próximos. Estabelecendo um elo com a educação, esse lançar-se no desconhecido não deixa de ser uma realidade no ofício do professor. Por mais que um planejamento faça parte da atividade do mestre, nem sempre é possível prever a aceitação e os bons resultados, na sua interação com os alunos. Mas, justamente aí, reside o fascínio da viagem. O aedo Homero, aqui acompanhado pela encantadora adaptação de Ruth Rocha, nos transmite um legado permanente, em meio às vicissitudes da vida. Trata-se de uma aventura apaixonante, porque demasiadamente humana. Em suma: uma verdadeira odisseia...

A VITÓRIA DA TÁXIS SOBRE A LÝSSA: O SURGIMENTO DA FALANGE HOPLÍTICA

Lucas Carvalho Sirieiro (Graduando – UFF)

Muitos estudos que abordam a transição da organização política grega para a estrutura políade tratam do surgimento da falange hoplítica como ponto chave na transformação, com o aumento do poder político das classes médias em detrimento da aristocracia, devido ao aumento de sua importância militar. Este trabalho visa analisar, pelo viés da História Militar proposta por John Keegan, o que mudou na hierarquia dos valores guerreiros do período homérico ao período clássico, enfatizando a questão da disciplina e contrastando dois importantes autores sobre o tema: Giovanni Brizzi e J.E. Lendon.

UM BREVE ESTUDO DA FABVLA TOGATA A PARTIR DE FRAGMENTOS DA OBRA DE TITVS QVINCTIVS ATTA

Luciana Mourão Maio (Mestranda – UFF)

No que tange à comédia romana, é inevitável associarmos autores como Plauto ou Terêncio, os quais – cada um à sua moda – entreteram o público romano com suas *fabulae palliatae*, peças que tinham por ambiência o mundo grego. Entretanto sabe-se que existiu, concomitantemente, em Roma, outro tipo de comédia, denominada *fabula togata* e que, provavelmente devido à escassez dos fragmentos preservados, tem sido pouquíssimo estudado. A presente comunicação propõe um breve estudo acerca da *fabula togata*. Para tal, selecionamos fragmentos da obra do comediógrafo Titus Quinctius Atta, a partir dos quais pretendemos destacar algumas características da comédia de costumes romanos, observando os traços culturais retratados.

A PRESENÇA DE PLAUTO E SÊNECA NA DRAMATURGIA LATINO-AMERICANA

Luiz Fernando Dias Pita (Doutor – UERJ)

Se a produção dramática de Plauto estabeleceria os rumos da comédia tal como se estabeleceu no Ocidente como um todo, a galeria de suas personagens daria origem a vários tipos teatrais que tiveram peculiar expressividade na comicidade dos países euro-latinos e latino-americanos. Por

outro lado, o tom dado por Sêneca às suas releituras de obras do teatro grego, expondo em cena a violência antes apenas sugerida, também seria um “traço genético” presente na dramaturgia dos mesmos países. Nosso estudo objetiva explicitar essas influências.

GUERRA, IMPERIALISMO E PERFDIA NA *EPISTVLA MITHRIDATIS* DE SALÚSTIO: PROPAGANDA ANTIRROMANA?

Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras (Doutor – UFF)

Mitridates VI Eupátor Dionísio ou Mitrídates o Grande rei do Ponto chegou a mover quatro guerras contra Roma: as Guerras Mitridáticas (88-84, 83-81, 74-68 e 66-63 a.C.), nas quais arrebatou terras sob o domínio direto da República na Ásia e se assenhoreou da Bitínia, Capadócia e Frígia, impondo pessoalmente ou através de seus generais várias derrotas ao exército romano. Tendo tomado medidas marcadas por profundo antirromanismo como reação ao imperialismo de Roma no Oriente, a *Epistula Mithridatica*, a qual nos chegou entre os fragmentos das *Historiae* de Salústio, escritas entre 39 e 35 a.C., é tida como peça desta propaganda ao retratar perfídia como característica central da ação romana, resultando em uma representação diametralmente oposta à imagem construída de si pela elite romana.

A SÁTIRA EM *SATYRICON* DE PETRÔNIO

Márcia Regina de Faria da Silva (Doutora – UERJ)

Petrônio, autor latino do séc. I de nossa era, destacou-se como árbitro da elegância (*elegantiae arbiter*) na corte de Nero. Contudo foi envolvido em uma conspiração e acabou recebendo ordem de suicídio do *princeps*. A obra que nos chegou, embora fragmentada, *Satyricon*, apresenta as principais características da sátira menipeia original, a mistura de prosa e verso, e a ausência de tom moralizante. Mas não se limita a isso. A sátira amplia-se em toda a extensão da obra, especialmente por utilizar a temática do romance grego de aventuras e costumes para também satirizá-lo. Assim vemos de forma dura e sarcástica os maiores vícios da época de Nero, sem, contudo, notarmos nessa apresentação uma tentativa, por menor que fosse, de moralizar essa sociedade,

oferecendo ao leitor a oportunidade de rir de seus próprios contemporâneos.

LATIM E PRÁTICAS FORMATIVAS: DIÁLOGO ALÉM DOS TEMPOS

Thiago da Silva Pinheiro (Mestrando – UFF)

Este trabalho se propõe a comparar o atual ensino de latim no Brasil com a sua prática docente em sociedades antigas. Tratamos de questões voltadas ao “como”, ao “que”, ao “para que” ensinamos e temos como *corpus* o conjunto de atas e relatos divulgados em edições do *Encontro de Professores de Latim*. Nossos objetivos são (a) refletir acerca da tradição do ensino de latim; (b) analisar as relações de poder criadas entre latinistas; (c) identificar imagens discursivas constituídas de língua, de docente e de discente. Valer-nos-emos da Análise do Discurso francesa de orientação enunciativa (MAINGUENEAU, 1996; 1997; 2001; 2012; 2013) e da Filosofia das Relações de Poder, do Discurso e do Outro (FOUCAULT, 1969; 1971; 1975; 1982; 1983). Nossos questionamentos são: (1) por que nos tornamos “clássicos” em relação às novas tendências da educação linguística?; (2) quais lugares ocupam discentes e docentes quando o assunto é ensino?; (3) que relação com a Antiguidade nutrimos ao ensinar latim?

AS FRATRIAE DE AFRANIVS: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA COMÉDIA TOGATA

Vanessa Lanes Meirelles (Graduada – UFF)

O presente trabalho tem como propósito realizar algumas considerações a respeito da comédia *togata*, a princípio, com um breve estudo acerca dos tipos de comédia que coexistiam em Roma: *palliata* e *togata*, analisando até que ponto estas se diferenciam. Comentar-se-ão alguns aspectos da comédia de Afranius, *Fratriae*, a partir da tradução de alguns fragmentos em latim, a fim de corroborar as características da *togata*. Além disso, buscaram-se identificar pontos de contato com *Aululária* de Plauto, por sua vez, autor contemporâneo de Afranius. Sabe-se que os textos da comédia *togata* chegaram somente em fragmentos, o que torna difícil estabelecer uma profunda análise sobre as obras, restando-nos apenas como fontes os testemunhos dos autores da Antiguidade.

COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

MÉTIS E ODISSEU EM FILOCTETES DE SÓFOCLES

Alexandre dos Santos Rosa (Doutorando – UFRJ)

Orientadora: Shirley Fátima Gomes de A. Peçanha (Doutora – UFRJ)

Na peça *Filoctetes*, apresenta-se uma ação bastante particular de Odisseu, responsável pela recondução de Filoctetes ao campo de batalha, já que somente com a participação desse herói, dono das armas de Hércules, seria possível derrotar Troia. As palavras de Odisseu, no início da peça, indicam-lhe a capacidade de prever acontecimentos e de propor a melhor solução para alcançar o fim desejado. Pretendemos neste trabalho analisar a ação de Odisseu, verificando o sentido de *métis* nessa tragédia.

O “SERVVS” NAS COMÉDIAS DE PLAUTO

Aline Chagas dos Santos (Mestre – UFRJ)

O comediógrafo latino Plauto compôs, com grande êxito, peças conhecidas como *fabulae palliatae*. Dentre as personagens que compõem estas peças, encontramos o escravo, um personagem de grande importância, uma vez que colabora, na maioria das vezes, para o desenvolvimento e o desfecho da intriga. Este trabalho tem por finalidade expor as diferentes representações do escravo plautino, através de três grupos: os *serui callidi*, os escravos enganados e os escravos elaborados com mais realismo.

O CONCEITO DE INFINITO E A RELEITURA DOS CLÁSSICOS

Ana Thereza Basilio Vieira (Doutora – UFRJ)

Os romanos sabem como moldar a natureza para fins práticos, relacionando fatos e transpondo-os a seu favor. O conceito de infinito está ligado à eternidade da alma e a seu eterno retorno. Procuraremos mostrar como na Idade Média e no Renascimento essas ideias são resgatadas por autores

que se utilizam dos clássicos greco-romanos para formar novos conceitos adequados à sua época.

**EM BUSCA DE HERÓIS NAS SÁTIRAS DE JUVENAL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A ELABORAÇÃO DOS
PERSONAGENS DAS SÁTIRAS III E IV**

Arlete José Mota (Doutora – UFRJ)

A sátira, hoje conceituada como atitude de espírito ou modalidade literária, na literatura latina, enquanto gênero formalmente definido, possui elementos da *satira* – gênero poético latino, desaparecido no séc. II a. C., caracterizado pela mistura de temas diversos, por diálogos, pela improvisação. A sátira propriamente dita é criação de Lucílio, mas terá em Horácio e Juvenal as suas duas principais vertentes. Distinguem-se, entretanto, momentos distintos na trajetória de Juvenal: um em que se dedica à oratória, às declamações públicas; e outro em que o declamador cede lugar ao satírico. Este apresenta uma quantidade expressiva de tipos humanos caracterizados em sua maioria por comportamentos viciosos. As sátiras III e IV servem de exemplo, uma vez que não só apresentam elementos marcantes da elaboração poética juvenaliana, mas ainda certos matizes presentes também em Horácio. São os personagens forjados pelo poeta que imprimem vivacidade.

**O MODO DE CONHECIMENTO DOS PRISIONEIRO NA
ALEGORIA DA CAVERNA, EM A REPÚBLICA DE PLATÃO**

Bárbara de Oliveira Wilbert lung (Graduanda – UFRJ)

Orientador: Ricardo de Souza Nogueira (Doutor – UFRJ)

Este trabalho apresenta uma análise dos termos gregos que atuam para construir a descrição da caverna platônica (514a2 – 515b9) na Alegoria da Caverna, no diálogo *A República*. A linha pragmática de Análise do Discurso possibilitou a compreensão das palavras que ocorrem no contexto literário criado por Platão. O vocabulário adquire toda uma complexidade no texto, porque ocorria, igualmente, no contexto da Atenas clássica. Os termos da análise foram levantados, assim, de acordo com a sua importância para a expressão dos significados inerentes à filosofia de Platão. Na imagem dos homens aprisionados na caverna e do ambiente em que se encontram, é possível perceber um retrato de um

modo de conhecimento da filosofia platônica, que é mostrado em uma linguagem figurada e imagética, que possui ainda elementos sonoros.

A CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO DE XENÓFANES DE CÓLOFON

Beatriz Juliana Francisco (Pós-graduanda *lato sensu* – UNICAMP)

Esta comunicação tem como base a leitura de alguns fragmentos do filósofo pré-socrático Xenófanos de Cólofon. O objetivo é comentar a “teologia” de Xenófanos e alguns aspectos da relação do homem com as diversas religiões nos dias de hoje. Levantando a questão da teologia em Xenófanos e trazendo alguns traços dela para a atualidade, procuraremos apontar a contemporaneidade de seu pensamento e como algumas de suas críticas não perderam a validade.

A TEMÁTICA DA GUERRA E DA MORTE NAS OBRAS DE EURÍPIDES: OS REFLEXOS DA HISTÓRIA NA LITERATURA TRÁGICA E SUA IMPORTÂNCIA SOCIAL

Bruna Moraes da Silva (Mestranda – UFRJ)
Orientador: Fabio de Souza Lessa (Doutor – UFRJ)

Ao nos dedicarmos à análise das obras de Eurípidos, criadas, em sua maioria, durante a Guerra do Peloponeso, podemos verificar como as temáticas da morte e da guerra se fazem presentes em diversas delas. Apesar de remeterem aos ciclos épicos, com personagens e conflitos pertencentes ao universo mitológico grego, objetivamos, no presente trabalho, evidenciar como as tragédias desenvolvidas pelo poeta possuem uma relação intrínseca com o contexto em que foram criadas, sendo o cenário mítico utilizado por ele como “pano de fundo” para os problemas que vinham ocorrendo na *pólis* ateniense. Destacaremos, assim, como a literatura trágica grega pode exprimir a história de sua sociedade, possuindo tanto um papel dentro dela quanto se revelando como documentação profícua para os estudos históricos.

APOLO XAMÂNICO

Bruno Salviano Gripp (Doutorando – UFF / USP)

Orientadora: Paula da Cunha Corrêa (Doutora – USP)

Apolo é considerado como o deus grego por excelência. Ele foi famosamente escolhido por Nietzsche para ser um modelo de um modo de pensamento marcado pela clareza, pela distinção e pela luminosidade. Como patrono da filosofia, ele foi eternamente entronizado como chefe das musas e líder de seus coros. Há também outro aspecto, igualmente conhecido, desse deus: o deus da peste e do transe, do oráculo e da divinação. Tudo isso compõe uma figura extremamente complexa e variada, que o faz um deus central no mito grego. Apesar da centralidade de Apolo na cultura grega clássica, suas origens se nos escapam completamente. Sua etimologia nos é desconhecida e, ao contrário da maior parte dos deuses gregos, ele sequer chega a ser mencionado nos textos do Linear B. Este trabalho parte de um ponto de vista comparativo, comparando as atestações em outras tradições indo-europeias, para tentar examinar a sugestão de West (2008) sobre uma possível origem xamânica desse deus.

A IMUTABILIDADE DOS PARADIGMAS

Carolina Mesquita da Costa (Graduanda – UERJ)

Orientadora: Dulcileide Virginio do Nascimento (Doutora – UERJ)

Hipócrates, conhecido como o pai dos médicos, escreveu várias obras e direcionou uma à mulher – que, ao longo de toda história clássica, foi retratada e delineada segundo os padrões de uma sociedade tipicamente patriarcal – intitulada *Gynaecologia* ou *Perí Gynaikéion*. Esta comunicação abordará algumas características físicas e psicológicas da mulher helênica e as comparará com as da mulher da contemporaneidade na literatura brasileira. Focarei, portanto, a análise em duas obras: *Gynaecologia* de Hipócrates e *Inocência* de Visconde de Taunay. Ao trabalhar com fragmentos da *Gynaecologia* de Hipócrates e traçar um paralelo entre duas mulheres – uma do período helenístico e outra do Romantismo brasileiro –, objetiva-se demonstrar que conceitos cunhados por Hipócrates e tradições consideradas clássicas permanecem imutáveis em vários âmbitos, inclusive nas sociedades modernas.

AS LEIS NA TRAGÉDIA ANTÍGONA DE SÓFOCLES

Caroline Caetano de Freitas (Graduanda – UFRJ)
Orientador: Ricardo de Souza Nogueira (Doutor – UFRJ)

O objetivo deste trabalho é levantar o vocabulário e apresentar alguns conceitos presentes em construções frasais que dizem respeito aos tipos de leis na tragédia *Antígona* de Sófocles. O contexto literário de *Antígona* traz a ideia de dois tipos de lei, a saber, as leis políticas criadas pelos homens e as leis naturais e divinas estabelecidas pelos costumes vindos dos ancestrais. Com base nessa dicotomia, pretende-se apresentar termos e expressões que estejam ligados a esse duplo discurso da tragédia em questão. Foi possível observar que um rico vocabulário, proveniente do mundo jurídico ateniense do século V a.C., se faz presente no contexto para definir os dois tipos de lei na obra e que as questões debatidas em *Antígona* são ainda atuais.

“LVPVS” E “VVLPIIS”: FORÇA E ASTÚCIA NAS FÁBULAS
Cintha Sousa Machado (Doutoranda – UFRJ)

As fábulas são histórias curtas, usadas com uma finalidade pedagógica, que apresentam uma moral e utilizam, geralmente, animais. Nelas, os animais representam, alegoricamente, os humanos, portanto, configuram-se como as personagens da narrativa e apresentam-nos tipos de pessoas na sociedade. Partindo desse pressuposto, pretendemos fazer uma análise, em seis fábulas de Fedro, das personagens *lupus* e *uulpis*, com o fito de apontar suas características mais marcantes que acabam por defini-las.

ENARRANDO EPIGRAPHIAM FLVMINIS IANVARIII:
EPIGRAFANDO O LATIM NO RIO DE JANEIRO

Danilo Oliveira Nascimento Julião (Graduando – UFRJ)
Orientadora: Ana Thereza Basílio Vieira (Doutora – UFRJ)

O trabalho visa a busca e a análise de epígrafias latinas em monumentos e igrejas do Rio de Janeiro, como forma de mostrar como elas podem contribuir para a interpretação de tais locais, assim como propor o resgate histórico dos pontos turísticos e criar uma nova possibilidade de estudo para a língua latina.

O MITO DE MEDEIA, DE EURÍPIDES A DENISE STOKLOS

Dulcileide Virgínio do Nascimento (Doutora – UERJ)

A permanência do mito de Medeia na memória coletiva possibilita inúmeras releituras envoltas em questionamentos, reflexões e, principalmente, des-construções. O objetivo desta comunicação é apresentar as transformações sofridas pelo mito comparando, principalmente, os textos teatrais de *Medeia*, de Eurípides, apresentado em 431 a.C., e de *Des-Medeia*, de Denise Stoklos, em 1995, repensando as adaptações do mito na busca por vislumbrar a atemporalidade dos diálogos existentes em torno da personagem Medeia.

A FUNÇÃO DO VATES NA POESIA DIDÁTICA ROMANA

Eduardo Murtinho Braga Boechat (Doutor – UFRJ)

O trabalho a ser apresentado é baseado em um dos capítulos da minha tese de doutorado, “*Manilius and Posidonius Worldview*”. O trabalho versaria sobre a função do *vates*, o poeta visionário que conhece os mistérios da natureza, na literatura romana. Eu começo analisando a função do poeta sagrado que o filósofo estoico Posidônio de Apamea identificava no alvorecer das grandes culturas. Essa função do *vates* é invocada por Virgílio nas *Geórgicas*, mas ele acaba recusando esse papel numa típica alusão ao *De rerum natura* de Lucrécio. Pois bem, esse papel de poeta sagrado e a famosa *recusatio* de Virgílio funcionariam como subtexto em outros clássicos da literatura augustana. Propércio e Ovídio iriam aludir à missão do *vates*, porém recusariam-na como Virgílio. A originalidade do meu trabalho está em mostrar que o poeta didático Manílio, autor do tratado astrológico *Astronomica*, por meio de metódicas referências à obra de Virgílio e Lucrécio, arroga a si esse papel.

A ODISSEIA CONTEMPORÂNEA NA VOZ DE PENÉLOPE

Elis Crokidakis Castro (Doutora – UFRJ / UNIABEU) e Sandra Vasquez (Doutoranda – UFRJ)

A voz feminina de Penélope é que ecoa na epopeia contemporânea. Partindo de Homero, Margaret Atwood no livro *A odisseia de Penélope*, revisita o clássico grego dando ao mesmo uma feição feminina e atual sem deixar de lado os

fatos que marcam a obra e que darão a mesma a força que até hoje possui.

A PERFORMANCE DO NARRADOR NO ROMANCE GREGO ANTIGO

Elisa Costa Brandão de Carvalho (Doutoranda – UFRJ)

“O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”, com essas palavras do crítico literário Walter Benjamin, o presente trabalho pretende, através do cotejo dos textos de Longo Sofista, o romance *Dáfnis e Cloé*, e de Walter Benjamin, *O narrador*, traçar comentários a respeito da performance do narrador do romance grego antigo.

A PEDAGOGIA XENOFONTEANA EM *ECONÔMICO*

Emerson Rocha de Almeida (Mestre – UFRJ)

Orientadora: Tania Martins Santos (Doutora – UFRJ)

Econômico, de Xenofonte, apresenta o homem grego no seu dia a dia. Por meio do discurso socrático, estabelece uma pedagogia norteadora dos procedimentos dos aristocratas na condução de seus negócios. O personagem central é Sócrates, que, num diálogo com Critóbulo, procura convencê-lo de que a administração do *oîkos* é uma ciência. O objetivo do trabalho ora proposto é analisar, com base no livro VII de *Econômico*, como Xenofonte estabelece uma normatização das atividades domésticas, destacando que ao homem caberia uma função pedagógica, em relação à mulher, e administrativa, em relação ao campo e aos escravos externos.

HISTORICIDADE NO CÂNONE DE QUINTILIANO

Fábio Frohwein de Salles Moniz (Doutor – UFRJ)

Este trabalho pretende estabelecer relações entre o cânone de Quintiliano e seu contexto histórico. Na primeira parte do livro X da *Institutio oratoria*, intitulada *De copia uerborum*, Quintiliano expõe que, no aprendizado e exercício da *elocutio*, a escrita e a leitura são de vital importância. No entanto, para que seja proveitosa à formação do orador, convém que se faça uma leitura controlada, daí o rétor espanhol dedicar a

primeira parte do livro x a uma lista comentada de autores gregos e latinos a serem estudados pelos discípulos. Nesse segmento da obra, entre os comentários sobre os autores latinos, destaca-se, quer pela extensão, quer pelo detalhamento, a apreciação sobre a produção literária de Sêneca, alvo principal das reflexões desenvolvidas nesta comunicação.

ENTRE PERGUNTAS E RESPOSTAS, AS EROTAPOKRÍSEIS EM SOBRE OS MISTÉRIOS, DE JÂMBLICO DE CÁLCIS

Fernanda Lemos de Lima (Pós-doutoranda – UFRJ)
Supervisora: Tania Martins Santos (Doutora – UFRJ)

Jâmblico de Cálcis, filósofo que viveu nos séc. III e IV d.C., cujo trabalho se inscreve na produção neoplatônica, discute a relação entre filosofia, teologia e teúrgia em uma obra de extrema relevância. Trata-se do texto *Resposta do mestre Abamon à carta de Porfírio dirigida a Anebo e soluções às dúvidas nela expressas*, mais comumente conhecida pelo título *Sobre os mistérios*. Nesse complexo escrito feito em resposta a Porfírio, é possível notar o emprego de uma morfologia textual bastante peculiar à Antiguidade tardia e ao período Bizantino; refiro-me às *erotapokríseis*, forma de exegese filosófica de base dialética. A origem desse modelo de reflexão filosófica, segundo Papadoyannakis, remonta aos *Problemata* de Aristóteles. Neste breve estudo, pretende-se observar como esse tipo de construção argumentativa é empregado no texto de Jâmblico e quais suas implicações no processo de desenvolvimento do pensamento por ele proposto.

O PODER DA ARGUMENTAÇÃO EM ASSEMBLEIA DE MULHERES

Greice Ferreira Drumond (Doutora – UFF)

Em nosso estudo de *Assembleia de mulheres*, além de observarmos o lugar da argumentação na estrutura formal da peça, destacamos o engano e a sedução feminina como elementos explorados com o fim de fazer valer a ideia proposta pela protagonista.

AS DIFERENTES ESTRUTURAS MORFOSSINTÁTICAS NAS ODES DO *LIBERI*, DE HORÁCIO

José Mario Botelho (Doutorando – UFRJ)

Embora o latim apresente certa liberdade, referente à colocação dos termos na frase, pode-se dizer que havia uma padronização na ordem dos termos, à semelhança da ordem natural da prosa. Divine e Stephens (2010), Hoffmann (2010) e Pinkster (1995) vêm defendendo tal ideia, demonstrando a ocorrência de estruturas sintáticas, iniciadas com o nominativo (suj.) e finalizadas com o verbo. Marouzeau (1922) e Hoff (1994) observaram tal incidência: aquele, sob a perspectiva de um uso estilístico, este, da de restrições sintáticas. Em Horácio, a quebra dessa ordem natural faz surgir estruturas de diferentes matizes, que podem ter sido exigidas pela métrica ou por uma especial intenção do poeta. Em ambos os casos, o efeito estilístico e a complexidade estrutural podem ser constatados. A dificuldade de se estabelecer uma padronização do uso dos grupos sintáticos nos faz pensar na hipótese de ser estilístico esse uso.

FÊMIO E DEMÓDOCOS: UMA ANÁLISE SOBRE A MOTIVAÇÃO DO CANTO AÉDICO

Josias Acencio (Pós-graduando *lato sensu* – UNICAMP)

Este estudo observa a caracterização dos aedos da *Odisseia*, Fêmio e Demódoco, em particular a configuração deles nos respectivos cantos a serem estudados. A primeira parte do estudo contempla a apresentação das musas que são as portadoras do canto e que inspiram os poetas, na qual veremos o motivo de os poetas começarem suas performances sempre com uma invocação a elas. A segunda parte é dedicada à análise das personagens Fêmio e Demódoco, embora a aparição deles seja mínima, se comparada com toda a estrutura da obra. Ao estudá-los perceberemos que, de acordo com o que nos é apresentado no poema, são fornecidos indícios de que o que movia esses aedos a cantar era o dom que a(s) musa(s) ofertavam a eles, porém a circunstância em que nos é mostrado o discurso de Fêmio no canto xxii, v. 332, 350-352 nos leva a indagar o que movia Fêmio a cantar para uma trupe de dilaceradores que habitavam o palácio de seu rei. Já Demódoco, na corte de Alcínoo, vivia uma realidade completamente diferente, o que nos sugere a possibilidade de que o que movia esses aedos a

cantar nas respectivas circunstâncias em que nos serão apresentadas neste estudo era diferente. O estudo visa, ainda, contribuir de forma modesta para a discussão sobre a caracterização dos aedos no período Homérico e a configuração desses dois, em particular, na *Odisseia*.

O LATIM NA CIÊNCIA: ANÁLISE LINGÜÍSTICA DE OBRAS NOVLATINAS DE NATURALISTAS

Leonardo Ferreira Kaltner (Doutor – UFF)

Em nossa apresentação, analisamos o uso da língua latina no contexto das ciências naturais. Como *corpus* de trabalho, analisaremos excertos da obra *Historia naturalis palmarum* (*História natural das palmeiras*), publicada em latim no séc. XIX, cujo autor, Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868), foi um dos pioneiros na descrição da natureza do Brasil. Como metodologia de análise, nos valem da Linguística Textual (LT) e da Pragmática para o trabalho de investigação e de tradução da obra desse naturalista. Por fim, situaremos a obra do autor no contexto do uso do latim (neolatim) e a recepção dos autores clássicos e pós-clássicos na época moderna.

A VARIAÇÃO DO PLURAL LATINO (A) EM INGLÊS: O CASO DE STADIA VS. STADIVMS E GYMNASIVMS VS. GYMNASIA

Lis Yana de Lima Martinez (Graduanda – UFRGS)

Orientadora: Laura Rosane Quednau (Doutora – UFRGS)

O inglês tem sido historicamente um “grande adotador” de palavras estrangeiras, principalmente da língua grega e da língua latina. Algumas delas foram anglicizadas; outras, contudo, mantiveram seu sufixo original e, conseqüentemente, seu plural é formado tal como em latim. Atualmente, podemos notar que há, no inglês, variação no plural do neutro latino de segunda declinação, e.g. *stadium* e *gymnasium*. Passamos, então, a analisar e sistematizar a variável e suas variantes com base nos postulados da teoria da variação linguística, utilizando como *corpus* o *The New York Times Online*. Nosso objetivo era quantificar a ocorrência de cada variante e verificar a possível existência de um processo de anglicização dos dois vocábulos e, ainda, o apagamento do plural latino na língua inglesa. Os

resultados obtidos comprovam a continuidade do uso do plural -a, mesmo que em escala consideravelmente menor do que o plural anglicano -s.

ESPORTE E POESIA: OS EPIGRAMAS DE SIMÔNIDES DE CEOS

Luana Cruz da Silva (Mestranda – UFRJ)

Orientadora: Shirley Fátima Gomes de A. Peçanha (Doutora – UFRJ)

Na Grécia antiga, o sucesso esportivo de um atleta era celebrado, sobretudo, por meio da poesia. Sabe-se que a celebração poética constituía, na Antiguidade, um instrumento de elogio não só ao atleta, mas também à sua cidade. Nesse contexto, destacam-se a produção de epinícios e epigramas compostos em honra aos atletas vitoriosos nas competições esportivas. A Simônides de Ceos, célebre poeta do período arcaico, foram atribuídos doze epigramas de temática agonística, dedicados aos atletas vencedores dos jogos. Neste trabalho, pretende-se, com base na tradução de alguns dos referidos epigramas, destacar-lhes as principais características, analisar-lhes o vocabulário e, ainda, verificar o contexto histórico no qual se produziram esses epigramas.

EPISTOLOGRAFIA CLÁSSICA: GÊNERO, DISCURSO E GÊNERO TEXTUAL

Lucas Matheus Caminiti Amaya (Mestrando – UFRJ)

Orientadora: Arlete José Motta (Doutora – UFRJ)

Um dos principais problemas referentes aos estudos clássicos atualmente é a adoção de referenciais para servir de base a análises e descrições. A diferença lexical e divisão das áreas de conhecimento humano é uma das causas de maior dificuldade na análise das obras latinas clássicas. Nesta comunicação, propomos uma alternativa já academicamente conhecida, a superação do “texto” em direção ao “discurso”, que engloba o texto, a sociedade da qual ele faz parte e outros fatores que podem nos ajudar a superar as barreiras impostas pela análise do texto como figura isolada de uma comunidade e estéril.

RANAE REGEM PETIERVNT: UMA RELEITURA

Luciana Antonia Ferreira Marinho (Doutoranda – UFRJ)
Orientadora: Ana Thereza Basilio Vieira (Doutora – UFRJ)

Esta comunicação objetiva tratar de como as fábulas de Fedro puderam contemplar assuntos complexos como a política e a vida cotidiana. Para tanto, nós apresentaremos algumas considerações sobre a fábula *Ranae regem petierunt*, revelando algumas informações por nós consideradas importantes a respeito de aspectos relativos à vida da sociedade romana aos tempos de Fedro. Além disso, nós nos utilizaremos dos conceitos provenientes da Análise da Conversação para tecer alguns comentários textuais sobre a supracitada fábula.

HELENA DE EURÍPIDES: RETRATO DE UMA MULHER ASTUCIOSA E FIEL

Luciana Ferreira da Silva (Mestranda – UFRJ)
Orientadora: Tania Martins Santos (Doutora – UFRJ)

O trabalho ora proposto corresponde à última parte da pesquisa iniciada em 2010, a qual teve como tema o estudo do gênero feminino na Antiguidade grega. Inicialmente, buscou-se ilustrar o perfil de uma esposa ideal, com base na obra *Econômico*, do prosador ático Xenofonte. Em seguida, comparou-se o comportamento da esposa perfeita com o das mulheres livres, as *hetairai*. Por último, procurou-se analisar duas das esposas mais famosas da literatura grega, Penélope e Helena, respectivamente. Com base em um estudo comparativo entre a esposa de Odisseu e aquela apresentada por Xenofonte, chegou-se à conclusão de que ambas têm muito em comum. Entretanto, Penélope apresenta uma característica fundamental que a torna personagem de destaque: a astúcia, que também está presente na personagem Helena, na tragédia homônima de Eurípides. O poeta trágico apresenta o mito de Helena no Egito, no qual a esposa de Menelau não teria ido para Troia, segundo os planos de Afrodite, mas para o Egito, para o palácio de Proteu, e lá ficara escondida até que seu esposo a encontrasse e conseguisse levá-la de volta para Esparta. O presente trabalho tem como objetivo analisar a personagem da tragédia, fazendo-se uma comparação entre essa e a rainha de Ítaca, de maneira a encontrar características que fazem de Helena uma nova Penélope, uma esposa não só fiel, recatada e submissa, mas também muito astuciosa.

SABINAS, LUCRÉCIAS E TARPEIAS: O RITUAL DO CASAMENTO RESSIGNIFICADO

Luiza Andrade Wiggers (Mestranda – UFSC)

Orientadora: Tania Regina Oliveira Ramos (Doutora – UFSC)

Esta proposta é parte de minha pesquisa de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Tania Regina Oliveira Ramos. Pretendo analisar aspectos simbólicos e ritualísticos do casamento abordados pela literatura clássica latina e que se mantêm ainda hoje. O *corpus* escolhido para exemplificar tais aspectos é o conjunto das lendas latinas “O rapto das sabinas” e “Desonra e morte de Lucrecia”, de Tito Lívio, e a “A Rocha Tarpeia”, de Propércio. Dessa forma, ao analisar costumes antigos, rituais de casamento, modelos de vida conjugal e a estruturação social e moral da Antiguidade Clássica em Roma, conclui-se que a literatura latina possui um papel fundamental para o entendimento da manutenção dos mitos e ritos na sociedade moderna. A partir dessa pesquisa, centro o meu olhar para as representações dos rituais de cerimônias de casamento em narrativas contemporâneas, como o romance *Arroz de palma*, de Francisco Azevedo.

CARACTERÍSTICAS DA PERSUASÃO DEMOSTÊNICA SOBRE O PRISMA DA TEORIA ARISTOTÉLICA NA PRIMEIRA FILÍPICA

Marcelo Coutinho de Oliveira (Mestrando – UFRJ)

Orientadora: Tania Martins Santos (Doutora – UFRJ)

Demóstenes, orador ateniense do séc. IV a.C., atento ao movimento de expansão da Macedônia sob o comando do rei Filipe II, engajou-se na política de sua cidade, aproximadamente em 357 a.C., e começou a discursar na assembleia, visando alertar seu povo da ameaça que o monarca constituía aos povos gregos. Em sua *Primeira Filípica*, um dos discursos que denunciam na assembleia os atos de Filipe II, Demóstenes propõe um novo modelo de disposição e financiamento das forças armadas atenienses, evidenciando a necessidade da preparação bélica contra o rei macedônico. A análise da peça retórica será feita com base nos pressupostos da *Retórica*, de Aristóteles, principalmente do último livro da obra, pois nesse o filósofo aborda mais

detidamente a questão estilística, considerando a sua importância para a tentativa de persuasão, objetivo maior da retórica. Pretende-se, pois, analisar a aplicabilidade da teoria aristotélica ao discurso em questão.

DIONISO EM DESATINO: IMODERAÇÃO ALCOÓLICA À LUZ DE PLUTARCO

Marco Antônio Lima da Silva (Graduado – UFRJ)

Orientadora: Tania Martins Santos (Doutora – UFRJ)

A mitologia associa a produção vinícola a Dioniso, deus do êxtase e do entusiasmo, que, em sua infância, descobriu a vinha e primeiro sorveu de seu ébrio sumo em companhia de vasto séquito de ninfas. Além das apresentações teatrais e festas por ocasião da vindima, venerava-se o deus nos simpósios: eventos sociais que tinham um papel não só lúdico e de escapismo, como também educacional na *pólis* ateniense. Os *Symposiaká* de Plutarco, biógrafo e filósofo moralista grego da virada do séc. I e II da era cristã, reproduzem uma série de debates reais ou fictícios, tidos à mesa, em simpósios, sobre assuntos variados, uns mais frívolos, outros mais sérios. Tais escritos integram-se, assim, no vasto grupo de obras de tema convivial que, desde o séc. V a.C., surgiram e se perderam, com exceção das de Platão e Xenofonte. Almeja-se com o trabalho ora posto investigar as conjecturas que concernem ao abrandamento do vinho na obra plutarqueana como processo que conduz à moderação e à civilidade.

UM ATENIENSE CHEGOU A UM JARDIM: ANTÔNIO E PLATÃO DIALOGANDO...

Marcus Vinicius Caetano de Freitas (Graduando – UFRJ)

Orientadora: Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk (Doutoranda – UFRJ)

Antônio Jardim em seu percurso como pensador e educador sempre esteve dialogando com a Grécia antiga. Isso porque a Grécia sempre esteve e está em nós. Platão, consciente ou inconscientemente, revolucionou não só o mundo helênico, como todo o Ocidente e o que viria a se ocidentalizar também. Aparentemente temos duas figuras antagônicas, em uma tensão frutífera: Platão, o filósofo que cindiu o mundo em dois, crítico da poesia; e Jardim, crítico ferrenho do filósofo

ateniense e pensador da *póiesis*. O ponto de diálogo? A poesia. O que aqui pretendemos é nos inserirmos no diálogo feito entre os dois pensadores. A partir de “Música e literatura: há uma pedra no meio do caminho?” e “A conferência titular – poética: o modo essencial de pronúncia do real” de Antônio Jardim e dos diálogos *A república* e *O banquete* de Platão, iremos pôr em questão a poesia e, assim, demonstrar pontos de convergência e divergência entre os dois pensadores.

A MORFOSSINTAXE DOS VERBOS LATINOS: FORMAÇÃO E USO

Mateus Bottaro de Souza (Graduando – UFRGS)

Orientadora: Laura Rosane Quednau (Doutora – UFRGS)

Esta pesquisa teve como objetivo criar um material que: a) evidencie os processos morfológicos de formação dos tempos verbais do latim, relacionando-os com os do português, de modo a criar subsídios para os estudantes de Letras ingressantes, para quando esses forem estudar a morfologia do português; b) confrontar os tempos verbais latinos com os do português, dando ênfase ao contexto em que estão inseridos e à sua sucessão dentro do período, obedecendo às peculiaridades de cada uma das línguas em pauta, inclusive em relação às formas nominais. A motivação para tal trabalho surgiu da percepção de que os estudantes de Letras estão chegando ao curso com carências em conhecimentos gramaticais básicos. Além disso, essa seria uma forma de estudar e discutir as noções de tempos primitivos e derivados, aspecto e tempos simples e compostos, traçando um percurso do latim ao português. Neste material, o verbo latino é analisado sob o ponto de vista de uma abordagem estrutural: o verbo é dividido em morfemas, e a forma como esses morfemas se combinam é examinada, a fim de se verificar como se forma o verbo. Tal procedimento se mostra necessário, pois explica aparentes irregularidades como regularidades subordinadas a outras regras. Um exemplo seria a terceira conjugação do latim, que possui a peculiaridade de não possuir vogal temática, ou seja, apresenta um tema consonantal; por isso, pode ou não aparecer uma vogal de ligação no seu paradigma. Outro fator que motivou esse projeto é que o latim e o português possuem tempos verbais diferentes entre si, e, portanto, seria interessante compreender seus empregos para além da forma como são traduzidos. O procedimento para a criação de tal

material foi obtido ao se compararem a gramática de língua latina de Faria e de Cart et alii, as seções sobre verbos de Orberg, Miraglia e Bórri e de Rezende com as gramáticas de português de Luft e de Cunha e Cintra. O resultado obtido foi um material diferenciado do que geralmente se encontra, podendo ser usado não só pelos alunos das disciplinas iniciais de latim, como também por aqueles que desejam seguir estudando a língua latina.

OS CAMINHOS PROBATÓRIOS DO SOFRIMENTO

Nelson Marques (Doutorando – UERJ)

Orientadora: Carlinda Fragale Pate Nunez (Doutora – UERJ)

Uma personagem mítica que tem como base seu precedente exemplar para todas as suas ações e situações a fim de continuar sendo uma experiência existencial do homem. O *livro de Jó* (1995), escrito pelo dramaturgo Luís Alberto de Abreu para o *Teatro da Vertigem*, é um texto que, ao buscar a compreensão de seu próprio tempo através das raízes míticas do passado, discutirá a relevância de um imaginário que permite o encontrar-se e o compreender-se humano dentro de uma repetição que implica na projeção do homem num eterno presente mítico (ELIADE, 2008, p. 350). O que pretendemos aqui é mostrar como o sofrimento cotidiano do agora é capaz de levar-nos para um tempo longínquo ressoado de ecos e que já não vemos onde as profundezas desses ecos vão repercutir e morrer (BACHELARD: 2012, p. 2).

A MORTALHA DE LAERTES: WALTER BENJAMIN ENTRE HOMERO E MARCEL PROUST

Patrick Gert Bange (Graduando – UFRJ)

Orientadora: Flávia Trocoli Xavier da Silva (Doutora – UFRJ)

Este trabalho tem o objetivo de investigar a relação entre Homero e Marcel Proust a partir das questões convocadas por Walter Benjamin, em seu ensaio “Zum Bilde Prousts” [À Imagem de Proust]. O ponto de partida da via crítica deste trabalho será a guinada fundamental anunciada por Benjamin, leitor de Proust, a saber, o lugar privilegiado do esquecimento na Modernidade, traço distintivo fundamental com relação à tradição ocidental, cujo pai é Homero. A partir dessa percepção, far-se-á a leitura cerrada de um trecho da *Odisséia* em comparação com um de *Em busca do tempo*

perdido, no intuito de desenvolver o nó crítico operado por Benjamin. O objeto deste trabalho, portanto, será analisar esse nó triplo, Homero-Benjamin-Proust, sob o signo do esquecimento.

A COMÉDIA ROMANA E O CINEMA HODIERNO: UM DIÁLOGO ENTRE A COMÉDIA *ADELPHOE* DE TERÊNCIO E DOIS FILMES DE JEAN-JACQUES ANNAUD

Pedro Baroni Schmidt (Doutorando – USP)

Orientador: Pablo Schwartz Frydman (Doutor – USP)

Em 2004, o cineasta francês Jean-Jacques Annaud dirigiu o filme *Deux frères*; o filme, cujo título remete à comédia *Adelphoe* de Terêncio, explora o tema da separação entre jovens irmãos e seus diferentes ambientes de crescimento, discutindo os limites da determinação do ambiente no caráter. Em um filme de 2011, *Or noir*, o diretor francês desenvolve e aprofunda o tema do problema da educação dos jovens de maneira dicotômica, focando na postura oposta dos pais, que em muito retomam a oposição entre Dêmea e Micião. Em ambos os filmes, tanto o tema, como a caracterização dos personagens e o modo de exposição dualizada dos conflitos evidenciam o diálogo com a obra de Terêncio e a eleição da mesma como modelo de *imitatio*. Ao revelar a presença de *Adelphoe* nos dois filmes de Annaud, pretende-se reforçar a importância da literatura latina como basilar e fundadora do arcabouço cultural da civilização ocidental, e como persistente e irrefutável modelo de criação artística no mundo contemporâneo.

“OS DEUSES DE HÖDERLIN”: A RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE NO ROMANTISMO ALEMÃO. UMA VISÃO DA ATUALIZAÇÃO DO MUNDO CLÁSSICO TARDIO POR RÜDIGER SAFRANSKI EM “ROMANTISMO, UMA QUESTÃO TIPICAMENTE ALEMÃ”

Pedro Paulo Alves dos Santos (Doutor – UNESA)

A Alemanha do final do séc. XVIII presenciou o nascimento do que se conhece como movimento romântico, que não se restringiu à literatura ou às artes, mas influenciou toda cultura europeia, abrangendo religião, política, ciência e filosofia também. Nomeados posteriormente pela historiografia alemã como Círculo de Jena ou Escola Romântica, alguns

pensadores, entre eles os irmãos Schlegel, Novalis, Schelling e Schleiermacher iniciam seus encontros em 1797. Nesse momento do que se conhece como Primeiro Romantismo, seus protagonistas são motivados e inspirados pela obra de Fichte, a Teoria da Ciência (1794), valorizam a tentativa de unificação especialmente da natureza com o Absoluto. Para tal pretensão, o “Eu” fichteano é bem acolhido pelos românticos. Essa necessidade de unidade com o Absoluto permite, ao mesmo tempo, que se desnude ao romântico a descoberta de sua própria distância do Absoluto. É desse abismo que brota a melancolia, um sentimento, ou estado de espírito, essencial para a inspiração e produção romântica. Entre os caminhos escolhidos pelos românticos para este encontro com o Absoluto estão a arte, como educadora da humanidade, a poesia, como mais apropriada expressão de arte e a religião, ou sentimento religioso, como o mais próximo ao sentimento do Absoluto. Nesse contexto, quero abordar a questão da recepção da mitologia grega como fonte poética do Romantismo na perspectiva de Rüdiger Safranski em “Romantismo, uma questão tipicamente alemã” (2010).

PÁRIS VERSVS MENELAU ENTRE A TROIA DE HOMERO E A DE WOLFGANG PETERSEN

Renata Cardoso de Sousa (Mestranda – UFRJ)

Orientador: Fabio de Souza Lessa (Doutor – UFRJ)

A fim de debater a questão da (re)apropriação dos clássicos nas produções contemporâneas nesta comunicação, compararemos a luta singular entre Menelau e Páris no filme *Troia* (EUA, 2004, dir. Wolfgang Petersen) e na *Iliada* (Homero). Nossa intenção não é criticar o filme, apontando seus “erros” em relação ao texto “original”, mas perscrutar as diferenças, semelhanças e peculiaridades de cada representação em cada contexto e sua funcionalidade em cada discurso.

PENSANDO HOJE A DEFINIÇÃO DE TRAGÉDIA NA POÉTICA DE ARISÓTELES

Ricardo de Souza Nogueira (Doutor – UFRJ)

Este trabalho é um estudo sobre a passagem em que Aristóteles define a tragédia, em sua obra *Poética* (49b 24-27). Os termos que constroem a definição serão

apresentados, na medida do possível, no significado original de seu contexto de enunciação na Atenas clássica. Considera-se que esse procedimento é indispensável para que as palavras gregas sejam compreendidas pelo receptor dos dias atuais em suas potencialidades de significado e em seus problemas de emprego, já que alguns estudiosos sugerem que, no texto, há lacunas.

AS IDENTIDADES GREGA E ROMANA PELA PAIDÉIA EM PLUTARCO

Roberto da França Neves (Mestre – UFRJ)

Orientador: João Camillo Barros de Oliveira Penna (Doutor – UFRJ)

Esta pesquisa objetiva a análise do conceito de *paidéia* nas *Vidas* (biografias) de Alexandre e César, obras de Plutarco, e, com isso, tecem-se os estatutos da imagem da educação para a identidade grega e romana. Alexandre, e só ele, consegue plenamente corresponder à cadência vital de um ideal aristocrático grego por sua *areté* e *sophrosýne*. A morada política de César, exatamente, asfixia a ética pelas tantas querelas e disputas por cargos públicos, sinais do esgotamento do regime republicano romano. É bastante relevante que o biógrafo tenha abrangido mais a *paidéia* em *Vida de Alexandre* que em *Vida de César*. Promissor será notar como essas biografias, fundamentadas nos dados históricos sobre o rei macedônio e o general romano, organizam-se paralelamente e codificam ambiências intertextuais. Os dois discursos, embora opostos, são unificados pela composição do livro, assim chamado pelo autor. Eles congregam estrategicamente as feições típicas de gregos e romanos, estereotipadas na história.

O EDUCAR POÉTICO: UMA EXPERIÊNCIA GREGA

Simone de Oliveira Gonçalves Bondarczuk (Doutoranda – UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo apontar alguns caminhos possíveis de mudança na visão do processo educativo da Contemporaneidade – circunscrito, principalmente, ao âmbito acadêmico –, tendo como base uma interpretação da Alegoria da Caverna no livro VII da *Répubblica* de Platão. A genuína *paidéia* grega visava manifestar a autêntica forma humana de

ser, o *tò ón* – particípio presente do verbo *eimí* –, o ser-sendo de cada indivíduo, não determinado por suas predicções como hoje se vê: afrodescendente, do gênero feminino, politicamente correto, cotista de universidade pública, além de tantas outras que se inscrevem no campo das adjetivações deterministas. Há de se propor uma trajetória de pensamento na qual o sentido grego de educação se demonstre a partir de uma compreensão do real em seu vigorar dinâmico e, de um confronto, com as bases contemporâneas do pensamento ocidental.

AS TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS DA *ILÍADA* NO SÉC. XIX

Tâmara Kovacs Rocha (Graduada – USP)
Orientador: João Angelo Oliva Neto (Doutor – USP)

A apresentação consistirá na exposição breve de alguns dos resultados obtidos na minha pesquisa de Iniciação Científica, na qual reuni, analisei, comentei e atualizei o texto de todas as traduções da *Ilíada* no séc. XIX.

THÉLGEIN, ARREBATADOR DO REGRESSO DOS HEROIS NA *ODISSEIA*

Tayná Sanches Pereira Costa (Graduanda – UFRJ)
Orientadora: Tatiana Ribeiro (Doutora – UFRJ)

Pretende-se, nesta comunicação, apresentar algumas observações, a partir da leitura da *Odisséia*, mormente dos cantos X e XII, acerca da importância do *thélgein*, do ato de encantar, na narrativa de retorno de Odisseu. Nesses dois cantos, esse verbo é usado para caracterizar a ação que exercem as sereias, bem como Circe, no que tange seus dolos mortíferos em suas tentativas de reter o herói e seus companheiros.

A HOSPITALIDADE NOS POEMAS HOMÉRICOS: RITUAL SOCIAL E SAGRADO

Thais Moreira Batista (Graduanda – UFRJ)
Orientadoras: Shirley Fátima Gomes de Almeida Peçanha (Doutora – UFRJ) e Glória Braga Onelley (Doutora – UFF)

Nos poemas homéricos, a hospitalidade constitui um rito social e sagrado que possibilitava a criação e ampliação de alianças sociais e políticas, pois com elas se firmavam obrigações de reciprocidade e amizade entre o anfitrião e o hóspede. O presente trabalho, com base em passagens da *Ilíada* e *Odisseia*, comentará o ritual de hospitalidade.

AS FEMINAE EM EPÍDICO DE PLAUTO

Vanessa de Souza Peres (Mestranda – UFRJ)

Orientadora: Alice da Silva Cunha (Doutora – UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo analisar as personagens femininas na comédia *Epídico* de Plauto. Levando em consideração que as formas como cada sociedade elabora e sistematiza o riso diferem consideravelmente e que a presença de figuras femininas é constante na literatura latina, especialmente, nos gêneros considerados menores; o humor fornece pistas sobre quais temas são relevantes na sociedade e cultura de um determinado período. Dessa forma, a comédia romana, pelas suas características e por apresentar a relação entre os sexos como tema central nos argumentos de muitas peças, nos apresenta um quadro de personagens que se aproximaria mais da realidade, mesmo tendo em mente que o gênero foi elaborado para provocar o riso.

A MORTE SEGUNDO CÍCERO EM DE SENECTUTE

Vivian de Azevedo Garcia Salema (Mestre – UFRJ / UERJ)

Esta pesquisa se concentra na análise do conceito de morte desenvolvido na obra filosófica do escritor latino Cícero, intitulada *De senectute*. A morte, segundo o autor, é um dos principais motivos que fazem as pessoas temerem a velhice. O texto belíssimo e assaz instigante de um dos maiores prosadores latinos da Antiguidade Clássica induz o leitor às seguintes reflexões: Por que as pessoas de idade avançada temem a morte? Como os sábios encaram a morte? O que representam o corpo e a alma? São essas questões que Cícero expõe em *De senectute*. Nessa obra envolvente, que reúne simplicidade e beleza, tanto na forma quanto no conteúdo, Cícero desenvolve o tema magistralmente, de modo que faz poesia em plena prosa!

ÍNDICE POR AUTORES

Alexandre dos Santos Rosa
Alexandre Santos de Moraes
Aline Billé Santos
Aline Chagas dos Santos
Amós Coêlho da Silva
Ana Teresa Marques Gonçalves
Ana Thereza Basilio Vieira
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Bárbara de Oliveira Wilbert lung
Beatriz Juliana Francisco
Bianca Bartira Genildo da Silva
Bruna Moraes da Silva
Bruno Salviano Gripp
Carla Francalanci
Carolina Mesquita da Costa
Caroline Caetano de Freitas
Cinthya Sousa Machado
Danilo Oliveira Nascimento Julião
Douglas Gonçalves de Souza
Dulcileide Virginio do Nascimento
Eduardo Murtinho Braga Boechat
Elis Crokidakis Castro
Elisa Costa Brandão de Carvalho
Emerson Rocha de Almeida
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Fernanda Lemos de Lima
Francisco de Moraes
Greice Ferreira Drumond
Hiram Alem
Izabela Bocayuva
Jacyntho Lins Brandão
Jane Peixoto Siqueira
José Mario Botelho
Josias Acencio
Karla Chagas Vidal
Leonardo Ferreira Kaltner
Lilian Fernandes de Souza
Lis Yana de Lima Martinez
Luana Cruz da Silva
Lucas Carvalho Sirieiro
Lucas Matheus Caminiti Amaya
Luciana Antonia Ferreira Marinho

Luciana Ferreira da Silva
Luciana Mourão Maio
Luiz Fernando Dias Pita
Luiza Andrade Wiggers
Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras
Marcelo Coutinho de Oliveira
Márcia Regina de Faria da Silva
Marco Antônio Lima da Silva
Marcus Vinicius Caetano de Freitas
Maria Inês Senra Anachoreta
Mateus Bottaro de Souza
Nelson Marques
Patrick Gert Bange
Paulo Martins
Pedro Baroni Schmidt
Pedro Paulo Alves dos Santos
Regina Maria da Cunha Bustamante
Sandra Vasquez
Thais Moreira Batista
Thiago da Silva Pinheiro
Vanessa Ferreira de Sá Codeço
Vanessa Lanes Meirelles